PARTIDA

COLAR

AQUI

O

MEU

RASTO

Do meu

Ponto de

Partida

ADAMASTOR

e

TEJO

está calma.

Miradouro de Santa Catarina

Ponto de Partida

. A vista é maravilhosa — observo o Tejo. Há poucos barcos. A cidade está calma.

Ali no Miradouro
as esplanadas estão
cheias, as pessoas
conversam animada-
mente. Mas daqui
sentada nos degraus
apenas alguns indivíduos
solitários: a ler,
a observar a paisagem.
A cidade está calma.

As gaivotas fazem
muito barulho.

Espreito o Noobai
e lembro a música
Caboverdiana "nô bai
oi nô bai, oi ô bai
La La La La La..."

Olho de frente para
o Adamaston e
coloco a minha mensa-
gem / rasto cuidadosa

e estrategicamente
posicionada em frente
ao monstro, para
que o caminhante
a encontre no seu
ponto de chegada.

Início a
minha
caminhada
o da
e.

e estrategicamente posicionada em frente ao monstro, para que o caminhante a encontre no seu ponto de chegada.

Por onde ir?

Estou numa zona de Lisboa que me traz muitas memórias.

Não é só a cidade que tem memórias, o corpo também as tem e o meu carrega muitas deste pedaço da cidade.

Decido então fazer essa viagem ao passado com um misto de estranheza e excitação.

Atenta ao que o meu corpo absorve do presente e ao que relembra do passado.

O espaço está diferente
mudou.
Também o meu
corpo.
Está diferente
mudou.

caminho calmamente
em direcção ao
Calhariz.
A rua de Santa
Catarina está vazia,
Cruzo-me apenas
com um ou dois
Rapazes que me
Observam e então
decido parar.

Páro para sentir a cidade
ao meu redor.
Há um cheiro a
urina e a alcool.
Por trás dos meus
óculos escuros cruzo
o olhar com os rapazes,
ele sorriem, eu
Retribuo.
Prossigo. No Calhariz
ando para trás e para
frente tentando

absorver através dos
poros os sons —
faço uma gravação,
até agora é o sítio
mais ruidoso: há
eléctricos e apenas
um tuk-tuk!
Sigo para o Bairro
Alto. Faço o caminho
que fazia quando estudava
na Escola Superior de Dança:
subo a Rua Soriano,

absorver através dos
poros os sons —
faço uma gravação,
até agora é o sítio
mais ruidoso: há
eléctricos e apenas
um tuk-tuk!
Sigo para o Bairro
Alto. Faço o caminho
que fazia quando estudava
na Escola Superior de Dança:
subo a Rua Soriano,

viro à esquerda na
Tv. dos fiéis de Deus (silen
ciosa) e logo à direita
na Rua dos Caetanos.
Relembro a mercearia
do SR. Salvador (que
já não existe) mesmo
ali na esquina e
onde comprava todos
os dias fruta e queijo
fresco. Passo à frente
do Conservatório, onde

antigamente tinha aulas de dança. Está fechado e em mau estado.

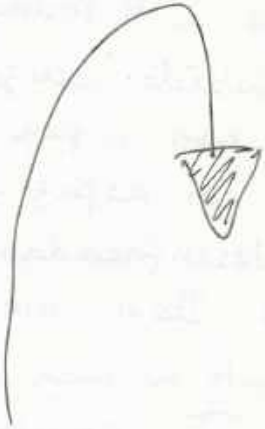
Observo imóvel, embora o corpo se contraia ligeiramente com a sensação decadente do edifício.

Sigo pela Tv. dos Inglesinhos em direcção à Rua da Rosa. Encontro um Bairro Alto silencioso e vazio. Cruzo-me com dois homens embriagados

que conversam como se estivessem sóbrios. Gravo.

Subo a Rua da Rosa e chego à D. Pedro V, neste subida cruzo-me apenas com o par anterior e com um rapaz que coça desenfreadamente o pénis. Desvio-me.

Há gente na rua na D. Pedro V, registo o som deste trajecto. Estou sem máscara, por isso desvio-me.



CHEGADA

Do

Meu ponto

de chegada

aqui

jardim

Pessoas

O Meu Ponto qui
de chegada:
Jardim do meiro
Príncipe que Rodeiam
Real de Cedro-do-
-Rco ... nada.
Sento-me.

O Ponto de
Partida de
Alguém
onde está o seu
Rasto?

cheguei 5 minutos
mais cedo – tenho
tempo para PROCURAR
o Rasto dos dois
caminhantes que daqui
partiram.

PROCURO primeiro
nos bancos que rodeiam
o grande Cedro-do-
Buraco ... nada.

Sento-me.

Sento-me no único banco livre. Por cima das nossas cabeças a sombra construída pelos grandes ramos da árvore e a banda sonora de duas irmãs que se escapuliram dos pais, e estão mesmo por cima da minha cabeça. Gravo.

Passeio pelo jardim atenta a qualquer sinal de outro caminhante que vou encontrar ou vestígio de outro que partiu.

Estou curiosa.

Quem será que vou encontrar? Recordo a Ana Vitória que encontrei na minha partida e penso que

foi ela encontrar?
Dou uma volta completa pelo jardim. Passo pelo reservatório subterrâneo de água do Patriarcal — está fechado.

Reparo que há um homem sentado num banco a falar sozinho. Por trás o monumento de França Borges.

Continuo a procurar.
Olho para o chão,
para as árvores,
bancos, canteiros,
estátuas — Nada.
Há muitas famílias
com crianças pequenas.
A alegria fresca
dos miúdos contrasta
com corpos deambulan-
tes que pairam
pelo jardim.

Aparece novamente à minha frente o Rapaz que coça freneticamente o pénis. Olho-o nos olhos, assusto-me o seu olhar é vidrado, vazio, vermelho.

Ele olha para mim, mas não me vê.

Está ausente do seu corpo aquele olhar vermelho

Já passa da hora
marcada para o encontro
Caminho mais um pouco
pelo jardim, passo
pelos quiosques animados.
Passo pelo busto do
Dr. Sousa Viterbo e
Reparo que tem teias
de aranha nos ouvidos.
Decido parar e
esperar.

Avisto num banco ao longe a Sílvia que come um gelado.

Sorrio, dirijo-me para Lá.

Quando me preparo para sentar ao seu lado, ela afasta-se!!.

Rio-me.

Pergunto-lhe de onde vem e se já recebeu o contacto do Guardião.

Decido ligar.

Começa a nossa conversa a três. A nossa guardiã Ana Hundim está em Fortaleza - sinto um pouco de angústia na sua voz.

A primeira pergunta que nos fez é que cheiros sentimos no nosso percurso.

Confesso que, excepto no início do percurso, não senti grandes cheiros.

A segunda pergunta foi o que não estava e agora está na cidade.

Há mais silêncio, há máscaras e há mais pessoas de olhar vazio com ar de toxicodependentes — como o rapaz que coçava o pénis.

Talvez pela conversa do dia anterior eu estivesse mais atenta, não sei, o que sei é que havia muitos. Ou então havia poucos Turistas e estes outros

estavam mais visíveis.
A terceira pergunta foi qual era a coreografia dos corpos na cidade.
É a coreografia do desvio dos corpos.
E assim termino, como começo com o desvio, na tentativa de chegar ao ponto de partida de alguém.
Não encontrei o seu rasto.

CHEGADA

PARTIDA